

No Egipto, com Eça de Queirós

Era no Cairo, nos jardins de Chubra, depois do jejum do Ramadão¹. Eis o começo do conto que jamais escreverei. Ao partir para o Egipto, a minha intenção não era imitar o estilo de Flaubert, mas reencontrar Eça de Queirós. Tinham passado cinco anos após a publicação da biografia que sobre ele escrevera e, por ridículo que isto possa parecer, estava com saudades. Pelo meio, trabalhara, pensara, viajara. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, mas Eça teimava em não sair da minha vida. A solução, decidi, era fazer uma viagem na sua companhia.

Fisicamente preguiçosa, fui adiando o plano, até me aperceber que a viagem era tolerável. Não seria forçada, como no século XIX, a estar encarcerada num navio ao longo de dias, bastando-me marcar lugar num voo, o qual, em poucas horas, me levaria até ao Cairo. No final de Novembro de 2006, entrava, com ar sorridente, num avião da *Egypt Air*. A felicidade não durou. Uma vez sentada, descobri que tinha de comer uma refeição preparada segundo os preceitos «halal» (a lei dietética islâmica). Embora não compreendesse os motivos que haviam levado Maomé a mandar liquidar os carneiros com um corte na jugular, consolei-me, imaginando que tal facto fazia parte da introdução cultural à região.

¹ A frase foi retirada de *Correspondência de Fradique Mendes, Obras de Eça de Queiroz*, Porto, Lello, s/d, vol. II, pág. 1001. Em 1885, em carta ao conde de Ficalho, Eça contava-lhe, em tom irónico, que, às vezes, lhe apetecia publicar um romance histórico, cujo início seria «Era em Babilónia, no mês de Schêbatt, depois da colheita do bálsamo...», uma paródia ao começo de *Salammbô*, de Flaubert. Ver G. de Castilho (org.), *Eça de Queiroz, Correspondência*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, vol I, pp. 265-266.

Tendo em conta ser esta a primeira vez que me deslocava a um país do Terceiro Mundo, previa dificuldades. A fim de minimizar os efeitos negativos, escolhera um bom hotel. Ao contrário de Eça de Queiroz, não me podia hospedar no *Shepherd's* — destruído pelo povo, em 1952, durante a insurreição chefiada por Nasser — pelo que me instalei no luxuoso *Mena Palace*². Desfeitas as malas, iniciei a peregrinação pelos locais, ou, para ser rigorosa, por alguns dos locais que o meu ídolo visitara. Eça não fora o primeiro europeu, nem sequer o primeiro português, a andar pelo Médio Oriente³. O fascínio pelas terras exóticas vinha de longe. No século XVIII, livros como *Lettres Persanes* (1721), de Montesquieu, e óperas, como *O Rapto do Serralho* (1782), de Mozart, demonstram que a curiosidade já existia, mas foi sem dúvida a invasão napoleónica que despertou o interesse pelo Egipto. Os escritores que Eça admirava, Flaubert, Renan, Gautier, tinham feito a viagem e, até em Portugal, era comum encontrarem-se artigos sobre os países orientais. Um tema tão picante quanto «Os haréns do Egipto» aparecia tratado, em 1838, no *Panorama*⁴.

Nada teria acontecido se, em 1869, Luís de Resende não tivesse desafiado Eça a ir até lá, a fim de assistir à inauguração do Canal do Suez. Este nem hesitou: a viagem era cara, mas, uma vez que tinha poupado algum dinheiro em Évora, onde havia dirigido um periódico, e que possuía o pecúlio que a avó lhe deixara em testamento, a deslocação estava dentro das suas posses⁵. A 23 de Outubro de 1869, com 23 anos, Eça embarcava com destino a Alexandria. Levava consigo um passaporte diplomático, no qual se dizia ser ele «um encarregado de negócios» (isto é, portador de correspondência diplomática), uma mistificação destinada a facilitar-lhe a vida. Dois dias levou até chegar a Cádiz. Em Gibraltar, tomou o pacote inglês *Delhy*, que

² Anne Alexander, *Nasser: His Life and Times*, The American University of Cairo, 2005.

³ Veja-se o livro de Ricardo Guimarães, *De Lisboa ao Cairo*, 1869, no qual relata a viagem feita poucos meses antes. A leitura desta obra é interessante porque permite constatar o talento de Eça.

⁴ *Panorama*, 11 de Agosto de 1838. Sobre a relação entre os viajantes europeus e o sexo, ver o fascinante livro de L. Osborne, *The Poisoned Embrace*, Londres, Bloomsbury, 1993.

⁵ O «Grand Tour» aristocrático estava em vias de ser substituído por viagens baratas: no que foi uma das primeiras excursões organizadas, Mark Twain partira, em 1867, da costa americana, a bordo do navio «Quaker City», em direcção ao Egipto e à Terra Santa. Desta viagem ficou um livro célebre, *The Innocents Abroad*, 1869.

fazia a rota da Índia. A 5 de Novembro, chegou a Alexandria e, um par de dias depois, ao Cairo.

O relato inicial de *O Egipto* não se eleva acima do vulgar⁶. O céu de Cádiz é «profundo», o pôr-do-sol em Gibraltar tem «uma bruma amarelada» e a noite de Malta é «tenebrosa». O primeiro contacto com o Egipto não foi promissor. Eis como Eça descreve Alexandria: «Equilibrados numa carruagem forrada de chita, com um cocheiro albanês (...), começámos a atravessar o bairro árabe. É uma rede de ruas estreitas, infectas, obstruídas de lama, de construções irregulares, desmoronadas, caducas, feitas de todos os materiais, desde o mármore até ao barro, com todos os aspectos, um imprevisto extremo de linhas e de arquitecturas, e cheias de uma multidão ruidosa de turbantes, de tarbuches, de gorros gregos, de barretes albaneses, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas túnicas brancas, de burros carregados, trotando miudamente. E aquilo é confuso, pitoresco, estranho e miserável.» O dia seguinte, quando experimentou fumar narguilé num café, foi mais agradável: «Lentamente, o fumo vai adormecendo o espírito no calor tépido e dissolvente. As qualidades fortes, a energia, a vontade, dissipam-se, esvaem-se numa sonolência doce. Cai-se naquele estado que os Árabes chamam o “kief”. É uma espécie de desmaio vivo: a vida torna-se passiva, quase vegetal.»⁷ Da Alexandria de Eça, bombardeada poucos anos depois da sua estadia, pouco resta, pelo que decidi concentrar a atenção no Cairo⁸.

Em 1869, a capital egípcia tinha, segundo o próprio informa, 300.000 residentes e uma população de outras tantas pessoas que, diariamente, entravam e saíam na cidade. Eça que, à época, apenas conhecia Lisboa, adoptou um tom ridiculamente cosmopolita: «Aqueles

⁶ Ver *O Egipto*, in *Obras de Eça de Queiroz*, *op. cit.*, vol. 3, pp. 675-819. Não foi apenas para este livro que as terras percorridas em 1869 lhe serviram de inspiração: sucedeu o mesmo no prefácio biográfico de *A Correspondência de Fradique Mendes*, quando Eça relata o suposto encontro entre T. Gautier, Fradique e o narrador no *Shepherd's Hotel*, do Cairo.

⁷ O narguilé é um cachimbo longo onde o fumo, aquecido por brasas, passa por água fria onde é deitada uma essência à escolha do cliente.

⁸ Doze anos depois da sua visita, a cidade seria bombardeada por navios ingleses. Em 1882, Eça escreveu, para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, uma série de artigos em que conta o que se passou. Em número de seis, vêm reproduzidos em Maria Filomena Mónica (org.), *Eça de Queirós, Jornalista*, Lisboa, Principia, 2003, pp. 204-237.

que nunca saíram das ruas direitas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente. Aí, as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas.» A nota dominante seria, no Cairo, a diversidade: «O Egipto é um país de passagem. Tudo ali passa, tudo ali descansa, tudo ali repousa. É o caminho da Índia. É o caminho da Pérsia. É o centro onde acodem todos os povos da África Oriental. É o escoamento das populações ambulantes do Mediterrâneo e do Levante. Tudo para ali emigra, até os pássaros, porque tudo o que tem asas, quando, nos nossos climas começa o Inverno, foge para o velho Egipto.» Nascido numa sociedade etnicamente homogénea, ficou maravilhado com a mistura de gentes: «Todas as raças, todos os vestuários, todos os costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas.» A propósito, relembra as lições de Taine sobre a ligação entre a paisagem e os costumes, confessando romanticamente: «Por vezes, sinto o desejo de ficar aqui, ter um búfalo, uma mulher egípcia, descendentes dos velhos donos do solo e lavar o meu campo de *durah* no meio da serena paisagem do Nilo, entre coisas abundantes e saudáveis e a imensa claridade do horizonte...» Mas outros prazeres o esperavam, como o do banho turco, que o levou a imaginar outra existência: afinal, desejava «dormir em divãs de cetim, envolvido no aroma dos aloés e no perfume das rosas!... Comerias coisas delicadas e picantes, mandaria abrir o ventre aos meus escravos para ver atitudes de entranhas, degolaria escravas abissínias para sentir o calor do sangue das mulheres ardentes do Nilo, ornaria de pérolas os meus cães, esqueceria o meu povo, e mandaria precipitar no Nilo todos os corpos que não fossem divinamente belos!». Ao jantar, comeu *macaroni farci aux truffes*: a Europa reconquistara-o⁹.

Entretanto, sentada numa varanda decorada com «muxarabis» (os gradeamentos de madeira de que Eça tanto gostara), eu planeava as

⁹ Flaubert é mais explícito do que Eça sobre o que lhe aconteceu quando foi a um banho turco: numa carta a um amigo, forneceu pormenores sobre a masturbação e a sodomia. Ver a carta de Flaubert a Louis Bouillet, escrita do Cairo, a 15 de Janeiro de 1850, em F. Steegmuller (org.), *Gustave Flaubert: Flaubert in Egypt*, Londres, Penguin, 1972. Num livro recente, um bisneto de Eça, António Eça de Queiroz, defendeu ter eu afirmado que o romancista era homossexual, um dislate que não vale a pena comentar. Ver António Eça de Queiroz, *Eça de Queiroz e os Seus Clones*, Lisboa, Guerra e Paz, 2006.

minhas deambulações. A primeira coisa a ver seriam as pirâmides de Gizé, colocadas em frente do hotel onde me alojara. Lembrando-me de ter ele proclamado que eram especialmente bonitas ao nascer do sol, pus o despertador para as seis da manhã. Quando este tocou, levantei-me, lépida, para as observar, mas a realidade ficou aquém da expectativa. As pirâmides de Quéops, de Quefrem e de Miquerinos estavam, de facto, diante de mim, mas, em vez da luz resplandecente, de que ele falara, só via uma neblina suja. No hotel, disseram-me ser o fenómeno causado pela areia do deserto, mas, a mim, pareceu-me o resultado da poluição. Em vez das águas do Nilo, à volta das pirâmides apenas existiam edifícios, lojas e oficinas.

O que vi não me ajudou a reviver a experiência de Eça: «Ao amanhecer, o espectáculo é maravilhoso. Uma estrada leva-nos até às Pirâmides, pelo meio da grande planície verde e fecunda. A manhã tem uma frescura divina. A inundação desce desde Outubro e os campos estão ainda cheios de água: um regato entre dois prados, uma pequena lagoa, outras vezes uma extensão de água que parece atirada ali para reflectir a imortal pureza do céu.» A moderna Gizé mais não é do que um feio arrabalde do Cairo. Em vez de plantas, árvores e pássaros, deparei-me com um amontoado de camionetas, de onde saíam turistas enquadrados por umas Forças de Segurança, ostentando, no boné, o título de «Polícia das Antiguidades e do Turismo»¹⁰.

Ao contrário do que sucedia no tempo do Eça, as pirâmides já não podem ser escaladas por fora, o que devia ser engraçado¹¹. O percurso interior é feito através de túneis estreitos, seguidos de escadarias íngremes. Quando, ofegante, cheguei ao topo, deparei-me com uma divisão rectangular, onde nada havia, a não ser um pedestal, sobre o qual, há séculos, estivera depositado o sarcófago de Quéops. Cá fora, voltei a olhar os monumentos: tantas vezes haviam sido reproduzidos que tive a sensação de que a deslocação não valera a pena.

As pirâmides não são bonitas nem feias: são colossais. Eça notara-o: «A quem as vê à distância, elas aparecem belas e compreensíveis:

¹⁰ Ver a fotografia n.º 103, retratando as pirâmides cerca de 1891, em Colin Osman, *Egypt: Caught in Time*, The American University of Cairo, 1997.

¹¹ Ver a fotografia n.º 11, Colin Osman, *op. cit.*, bem como as gravuras do livro de M. Twain.